

Qualidade é Cultura

JOSE OLYMPIO  
EDITORA

PABX (021) 221-6939 - FAX (021) 242-0802

# Idéias

L I V R O S

Leia Livros

RELUME & DUMARÁ

tel.: (021) 542-0248 • fax: (021) 275-0294

HISTÓRIA

# O inventor do Brasil

Numa síntese de suas aventuras intelectuais e políticas, Darcy Ribeiro lança a obra em que pretende descrever o processo de formação do homem brasileiro e explicar como o país chegou a ser o que é

Museu do Índio — Setor de Antropologia visual/Fotos: Darcy Ribeiro e Heinz Foertherman

■ **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil.** Companhia das Letras, 460 páginas, R\$ 22,00

EDUARDO PORTELLA

O novo livro de Darcy Ribeiro, *O povo brasileiro*, é o corolário de um esforço que vem de longe, infatigável e coerente, destinado a reconhecer a heroicidade anônima de mulatos e caboclos, de "mamelucos-brasilíndios", pela parte mitigada filhos de negros e índios, seqüestrados prematuramente em nome da civilização. Este livro foi preparado por cinco antecessores, muito bem acolhidos em várias geografias: *O processo civilizatório, As Américas e a civilização, O dilema da América Latina, Os brasileiros: Teoria do Brasil e Os índios e a civilização*. Deve ser considerado o corolário porque arremata e leva às últimas conseqüências sob a forma de uma insólita crítica da razão apropriativa, as mazelas dos poderes concentracionários, ao longo de sucessivas hipotecas históricas.

Darcy Ribeiro percorre, atentamente, o interminável caminho da exclusão. Acompanha toda a movimentação humana, e inumana, que impulsiona os deslocamentos populacionais, as ocupações territoriais, as desfigurações culturais, conduzidos pela exploração, o arbítrio, a violência. Ele observa de perto, certamente a contragosto, a *desíndianização* e a *desafricanização*. Mas não deixa de saudar, compreensivamente, a emergência de tipos inesperados como o crioulo, o caboclo, o sertanejo, o caipira. Entre os *brasilíndios*, os *afro-brasileiros*, os *neo-brasileiros*, os *brasileiros*, Darcy Ribeiro indaga, o tempo todo, pelo ser brasileiro. Sem fechar a questão, é claro.

*O povo brasileiro* adquire, logo de início, o jeito de um diálogo, não sei se confortável, mas em qualquer caso amistoso, entre o político e o cientista Darcy Ribeiro. O primeiro, terrivelmente veraz, deixa de lado as conveniências da frieza expositiva, ou do distanciamento crítico, para assumir, de corpo e alma, a paixão. Talvez até para desmentir o boato de que a paixão é inimiga da razão. O

segundo reconstitui e descreve, com precisão, a história dos *vencidos*, mas sem deixar de matizar o desempenho dos *vencedores*. O cientista reconstrói o passado; o político traz o passado para o presente. O livro se mantém muito fiel a Darcy. Decifra enigmas que ficaram para trás, porém com mais liberdade; imune às pressões ideológicas. Até

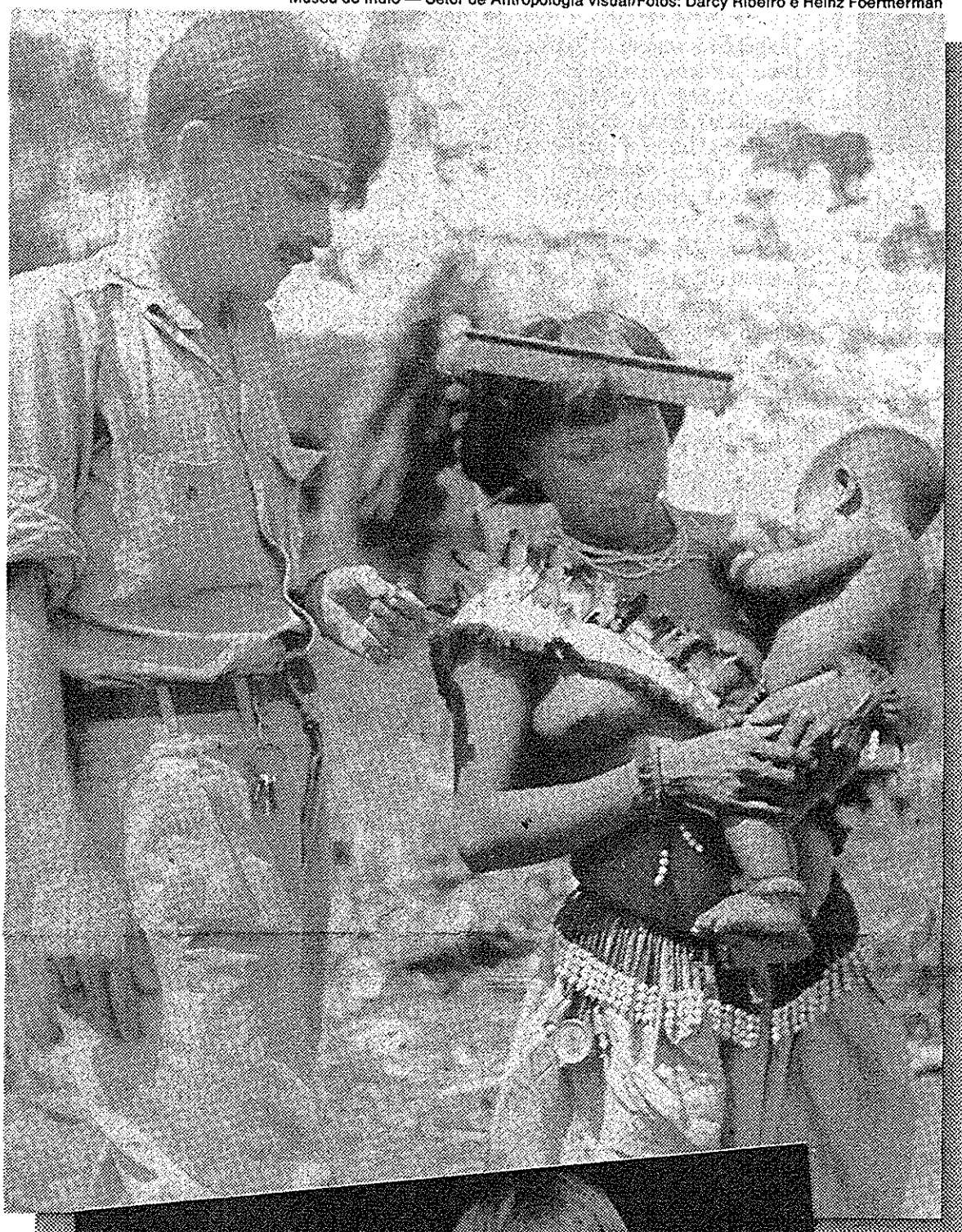
O livro estabelece o diálogo entre o cientista e o político



porque Darcy Ribeiro nunca foi bem tratado nem pela esquerda predatória nem pela direita alucinatória — ambas predominantes, e tão afins. O que ele quer é viver, abertamente, declaradamente, o sonho precoce de "uma teoria geral, cuja luz nos tornasse explicáveis em seus próprios termos, fundada em nossa experiência histórica". São suas palavras.

O itinerário de *O povo brasileiro* cobre um período extenso, que vai desde as determinações iniciais da Revolução Mercantil até a industrialização e a urbanização da modernidade tardia, no seio das quais as relações de trabalho nunca deixaram de ser mais ou menos aviltantes. Antes mais do que menos. O cativeiro dos índios e a sujeição dos negros, comprados e coisificados, distribuídos no litoral e

Eduardo Portella é escritor e professor



Fotos da expedição de Darcy Ribeiro junto aos urubus-kaapor, em 1951

progressivamente no interior, tornaram-se, com o passar dos tempos, a nódoa maior do nosso trajeto *civilizatório*. Não somente: também o lugar tenso, em que o extermínio e a gestação, gravados contraditoriamente nas cores da pele, foram abrindo passagem para o advento do novo. Os escravos índios e negros, subjugados até a crueldade, resistiam culturalmente. Não raro politicamente. Jamais economicamente ou tecnicamente. Ai as armas eram extremamente desiguais.

Mas o livro de Darcy Ribeiro evita permanecer sob as ordens da memória, e acatar obedientemente os

O cativeiro de índios e negros é a nódoa maior da nossa civilização



desígnios da tradição patrimonial, certamente tombada e cuidadosamente guardada, debaixo de sete chaves, nas gavetas de alguma Torre famosa. Se assim fosse não seria Darcy, e nem estaríamos falando de um livro-vida. Ele reconstitui, calorosamente, todo o processo da construção do homem tropical lusofalante, recorrendo aos documentos fornecidos pela Coroa e pela Igreja, e desde o momento em que se alternam, harmoniosamente, a razão de Estado e a *ratio studiorum*. E já nesse amanhecer era possível perceber, no espelho enviesado da colonização, não por acaso contemporâneo do maneirismo,

as impurezas da razão. Mas o autor imprevisível, vez por outra, reaproxima a generosidade da raiva, absorvendo as contradições do percurso. Nessa hora os portugueses são distinguidos com um ou outro reconhecimento, do tipo: "O engenho açucareiro, primeira forma de grande empresa agroindustrial exportadora, foi, a um tempo, o instrumento de viabilização do empreendimento colonial português e a matriz do primeiro modo de ser dos brasileiros." Esses instantes de armistício, é bom lembrar, ocorrem muito raramente. Darcy prefere exaltar o reverso da medalha. O índio e o negro, pelo menos na cena colonial, e na reviravolta proposta pelo autor de *O povo brasileiro*, foram atores muito mais criativos do que poderia imaginar a montagem importada.

Darcy Ribeiro está empenhado em denunciar o dispositivo da exclusão. Ele fotografa os mecanismos de dominação em movimento, contesta a unidade forjada pela violência, e se espanta ao constatar a síndrome da feitoria perturbando a produção qualitativa da sociedade. Chega aos nossos dias, à mundialização de mão única, ao descalabro da cidade e, por conseqüência, do que deveria ser a vida urbana na comunidade de cidadãos.

Ao deparar-se com "o povo-massa, sofrido e perplexo", o otimismo constitutivo, talvez até biogenético, de Darcy Ribeiro, parece experimentar ligeiro abalo. O radical esforço reflexivo de *O povo brasileiro* é confrontado com duas legendas dificilmente conciliáveis: a do "povo-nação" e de "povo-massa". Tudo dependerá, sou levado a supor, da consistência do povo, ou da taxa de povo introjetada na massa, ou da nossa capacidade de, através da educação, desmassificar a massa. Darcy nos conduz para um debate que, pelo menos até aqui, continua em aberto. No primeiro movimento, ele se choca com a voracidade mundializadora; no segundo abraça uma cisão interna que, justamente por causa de globalização e seus correlatos comunicativos, tende a incompatibilizar povo e massa. É forte a tendência para admitir que perdemos os prazos históricos, para a realização da categoria povo, tal como emergiu em algumas de nossas matrizes ocidentais. Não é menos insistente a conclusão de que só nos resta a opção de reencaminhar singularmente esse fenômeno desconcertante a que batizamos com o nome de massa. Nesta hipótese a massa, que seria o povo sem rosto, fatalmente anônimo, teria de ser reprogramada, pelos instrumentos insubstituíveis da cultura, da educação, da *ciência*, da *comunicação*.

Darcy Ribeiro permanece esperançoso, confiante no *povo novo*, e investe todas as suas energias vitais e intelectuais — e nele as duas coisas se confundem) na "vontade de felicidade" do povo brasileiro, na "Nação Latino-Americana sonhada por Bolívar". Se dá a impressão de resvalar no psicologismo, apostando todas as suas economias na "felicidade" possível, logo se recupera no questionamento da cordialidade inata que, em dias mais radiosos, chegou a embalar o sono, e talvez o sonho, das aspirações nacionais. Darcy guardou, da história e de episódios recentes, exemplos sucessivos de ausência total de cordialidade. Uma conclusão alternativa, sem maiores compromissos, merece ser lançada: inexistente povo vocacionalmente avesso à felicidade, e congenitamente destinado à cordialidade. O que existe é o caminhar do caminho. E ninguém melhor do que Darcy sabe de cor e de coração e cartografia dessa viagem.

O autor saúda o surgimento do sertanejo, do caboclo e do caipira



■ Continua na página 2

Nas livrarias, com o selo da Record,  
**A LUTA DOS PRACINHAS**  
de Joel Silveira e Thassilo Mitke e também  
**CRÔNICAS DA GUERRA NA ITÁLIA**  
de Rubem Braga.  
Dois livros de jornalistas participantes da campanha da FEB, Força Expedicionária Brasileira, na Itália, na Segunda Guerra.



Este ano se comemora a vitória decisiva do Brasil, na batalha de Montese, há 50 anos, contra os fascistas e nazistas, na Itália. Nos dias 29 e 30 de abril de 45, a FEB cerca e rende a 148ª Divisão Panzer (alemã) mais as Divisões Monte Rosa, San Marco e Itália (fascistas), fazendo, só nesta manobra, 15.502 prisioneiros. Detalhes nestes dois livros.

**A LUTA DOS PRACINHAS**  
Joel Silveira e Thassilo Mitke  
288 págs. — R\$ 12,50

**CRÔNICAS DA GUERRA NA ITÁLIA**  
Rubem Braga  
323 págs. — R\$ 11,00

À venda nas principais livrarias ou pelo telefone (021) 585-2002.

Lançamentos de qualidade



EDITORA RECORD